



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://revistaabehache.com/ojs/index.php/abehache/article/view/63>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2012 by Associação Brasileira de Hispanistas. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

Amor e morte: a vida urgente de Soledad Rosas

Vera Maria Chalmers¹

O livro do jornalista e escritor, Martín Caparrós, *Amor y Anarquía, La vida urgente de Soledad Rosas- 1974-1998*, publicado em 2003, em Buenos Aires, pela editora Planeta, relata a breve e intensa vida juvenil da portenha Soledad Rosas. O livro, um relato jornalístico mesclado de aspectos ficcionais, fundamenta-se em depoimentos orais de diversas testemunhas da vivência nos limites da marginalidade da jovem Sol e em depoimentos e documentos colhidos pelo autor nos anais do processo judicial, bem como nos arquivos pessoais de Marc Ferrer. Ao dar a palavra, no discurso indireto livre, aos diversos testemunhos, como ao da família, os amigos de escola, os amigos da Praça Las Heras e os ocupantes da Casa do Asilo e de outros meios anarco-individualistas de Turim, a narrativa apresenta uma multiplicidade de vozes narrativas. A qual confere a verossimilhança ao relato biográfico. Além das intervenções do narrador, que às vezes relata na terceira pessoa e assume, assim, uma pretensa imparcialidade, a qual é desmentida pelas interferências dos comentários que pontuam a narrativa da ação, os quais traem a simpatia do autor pela biografada. A fragmentação do discurso, a qual desloca frequentemente o ponto de vista da narrativa, provoca certa indecisão e dispersão, notadamente na narrativa da adolescência de Soledad Rosas em Buenos Aires. Já a narrativa da experiência vivida por ela em Turim, no meio dos *okupas* é mais concisa e densa e apresenta mais unidade, fundamentada talvez nos arquivos de Marc Ferrer. À parte final, volta a Buenos Aires e retoma a construção descosturada e descontínua do início do livro. Ao final, a narrativa termina em suspenso, e os comentários do narrador não julgam a matéria tratada.

O livro de Caparrós ao compor a biografia de Soledad Rosas inscreve-se na tradição da narrativa de processo judiciário, o qual é um gênero recorrente e importante na literatura e na imprensa de cunho anarquista. Talvez, por esse

1 DTL-IEL-Unicamp

motivo, o relato da perseguição, da prisão e do processo em Turim seja a parte construída com mais cuidado pelo jornalista e escritor. A montagem dos fatos feita pela autoridade policial, a repercussão na cidade italiana da figura dos *Lobos Grises* e de sua atuação no Vale de Susa, e a argumentação da acusação, bem como a da defesa, constituem as sequências da narrativa do processo judicial. As manifestações dos *squatters* em apoio aos presos políticos, as ações de protesto dos anarco-punks, a resistência na prisão dos detidos e o suicídio logo depois de Edoardo e de Soledad, instituem o bloco narrativo da resistência anarco-individualista, que se soma à narrativa do processo e compõe um desdobramento da ação do processo judiciário, o qual é uma contribuição para o relato da tradição da literatura e da imprensa anarquistas. A descrição do meio dos ocupantes de casas vazias e de seu modo de vida, o relato do seu cotidiano, aumenta o interesse da biografia e acrescentam um episódio ao cânone tradicional. A vida comunitária da Casa Ocupada do Asilo, regida pela autogestão, é uma experiência libertária urbana original, ainda não retratada em livro, que se diferencia da experiência de comunidades rurais, tais como a da Colônia Cecília, no Brasil monárquico, narrada em livro. A experiência dos *okupas* europeus, que no final da década de noventa do século passado se disseminavam pela Europa, ainda não foi relatada pela ficção em livro. A história de Soledad Rosas traz a vivência anarquista individualista em comunidade de autogestão para o centro de interesse da reportagem de Caparrós. A história dos *okupas* anarco-individualistas e anarco-punks é parte de uma cultura não apenas política, mas de experiência de vida pessoal e comunitária, a qual abrange um âmbito muito mais amplo dos *mores* da juventude do século passado, que se expressava musicalmente através do *rock* e das festas abertas a um grande público irrestrito. Um dos temas fundamentais desta experiência é o *amor-livre* tal como concebido pelos libertários, a livre escolha dos parceiros e a união emancipada das convenções do casamento burguês. Soledad une-se a Andrea, vulgo *Tarzan* na Casa do Asilo. Outro tema da convivência dos *okupas* é o exercício da liberdade individual em sua expressão mais radical, a inexistência de hierarquia nas relações interpessoais e a inconstância da vida em grupo. A associação em grupo é transitória e elegida. Os *okupas* vivem à margem da sociedade de consumo, produzida pela sociedade industrial moderna globalizada e inscrevem-se no âmbito largo da contracultura juvenil.

A montagem do processo contra Soledad Rosas e seus dois companheiros envolvem-nos na trama política dos assim chamados ecoterroristas do grupo, jamais identificados, dos *Lobos Grises*, responsáveis pelos atentados no vale de Susa contra a construção da linha férrea de alta velocidade da TAV. Soledad, em âmbito privado, cuida da horta da casa ocupada, é naturalista e vegetariana, preocupa-se com a natureza, contra as agressões da ganância capitalista e cuida da defesa dos animais. A prática da *yoga* e a alimentação natural são parte da cultura marginal ao pensamento único do mundo globalizado e dizem

respeito ao âmbito largo da contracultura do final do século passado. Os *okupas* de Turim imprimem um conteúdo político-cultural e se interrogam sobre uma prática política a respeito do tema, do que chamamos hoje de defesa do meio ambiente, plataforma política burguesa. No final dos anos noventa, a ação direta é a resposta dos anarco-individualistas à sociedade turinense. A bomba de tinta rosa com um dispositivo detonador, jogada contra o prédio da Municipalidade de Turim, é a única prova concreta em todo o processo-crime contra Soledad Rosas e seus dois companheiros da Casa de Collegno, e rende a Silvano Pelissero, o único sobrevivente do grupo, uma pena de três anos de reclusão. Mas o processo de incriminação a que os submetem até o julgamento é enorme, pesado, condenados *a priori* pela imprensa italiana e pela opinião pública turinense, e acaba em tragédia, com a morte de Edoardo na prisão de La Valette, e de Soledad, na Casa de Sottoiponti, prisão domiciliar de Soledad.

A trama romanesca entre Soledad Rosas e Eduardo Massari, o Baleno, é tecida com os fios da malha da novela policial contemporânea, na qual se enreda o crime político. A atmosfera sufocante do *bas-fond* portenho da novela policial é substituído pela ruidosa alegria do ambiente anarquista dos *okupas*, que vivem à margem do *establishment* turinense. Muito embora, alguma coisa da atmosfera do *lunfardo*, que sombreia a relação adolescente de Soledad e Gabriel Zoppi se projete sobre o casal de Turim. Soledad viveu com Gabriel um romance no qual repercutia uma atmosfera de tango revisitado, do baixo mundo juvenil. Conheceram-se na praça Las Heras, onde se reuniam os jovens rebeldes, drogados e *drop outs*. A relação era tempestuosa e podia às vezes, chegar à agressão física. Soledad apanhava e culpava-se de sua origem pequeno-burguesa diante da inferioridade social de Gabriel, que era dependente químico. Soledad ganhava dinheiro passeando com cachorros, o que lhe rendia o sustento e o vício de Gabriel. A reconstrução do amor bandido de Soledad em Buenos Aires apresenta recursos de ficção e certa filiação à literatura anticanônica. A linguagem é atravessada pela gíria juvenil e por palavrões, o que produz o rebaixamento do coloquialismo portenho. A pretensão literária se percebe nos relatos dos personagens-testemunhas, como Sole Vieja que se permite ler a mente de Soledad Rosas adolescente na tentativa de compreender a relação entre Soledad e Gabriel. Na sua interpretação do comportamento de Soledad aparece o tema da baixa autoestima, que explicaria sua “caída” à margem: Soledad não reconhecia sua imagem de beleza e conformidade. Já aos dezoito anos ela era “outra” jovem, ainda não tinha ideias políticas, mas mergulhava na alteridade. Soledad porém não se vitimiza, o que diferencia a personagem juvenil, recriada pelos narradores-testemunhas e pelo narrador onisciente, da prostituta decaída da novela popular puxada ao ritmo do tango. Soledad não se prostitui e não se rende à sociedade de consumo de Buenos Aires. A novela policial do baixo mundo portenho muda de inflexão no relato híbrido de Caparrós.

Soledad Rosas conheceu Edoardo Massari, apelidado de Baleno, na casa ocupada da via Alesandria, chamada o Asilo, antigo prédio de uma escola infantil. Ela chegou à casa junto com Sole Vieja, sua companheira de viagem, logo no seu desembarque em Turim. Chegou a uma casa ocupada por acaso, não por escolha deliberada. Não tinha qualquer informação sobre o movimento dos *okupas* europeus. A porta estava aberta e elas entraram, sem apresentação alguma. Logo se explicaram e foram recebidas, lhes deram colchões e cobertas para dormir. Ali ficaram a esmo, reconhecendo o lugar e seus moradores. Sem qualquer iniciação política, Soledad foi se encantando com o modo de vida da casa. Não havia rotina nem comando, a individualidade de cada um era respeitada rigorosamente. As refeições improvisavam-se, assim como a limpeza e as atividades de caráter cultural, tais como concertos de *rock*, pichações de muros, redação de manifestos, reuniões de protesto frente à cadeia de Le Valette. Soledad foi se entrosando e conhecendo os moradores. A casa vivia em constante movimento de entra e sai de pessoas, as mais diferentes, entre anarcos, *punks*, *okupas* de outras casas, em festas que reuniam os jovens em estado de rebeldia, em constante instabilidade. Os três meses do visto de turista iam se esgotando, e Soledad não pretendia voltar à Argentina. Neste meio tempo conheceu e namorou Andrea, praticava pequenos furtos no mercado para alimentarem-se, pois a norma da casa era eliminar o dinheiro nas relações interpessoais, como forma de resistência à sociedade de consumo. O casal se dividia sobre a questão do roubo. “A propriedade é um roubo”, já dizia Proudhon, mas Andrea não gostava da ação direta de Soledad. A relação deteriorou-se, e o casal se separou. As discussões destes seguidores de Stirner aconteciam com frequência, debatiam suas ideias e bastava, na votação de alguma proposta, apenas um voto contra para invalidar um projeto de ação coletivo.

De acordo com Skizzo, apelido de Mario Frisetti, mentor dos *okupas* europeus anteriores aos “anos de chumbo” da repressão política na Itália, as palavras de ordem dos *squatters* eram liberdade e alegria. As ações dos grupos eram diversificadas e não massivas e tinham muito do irrisório dadaísta, publicavam uma revista intitulada *Selavi*, segundo o cognome *Rose Selavie* de Marcel Duchamp. A ironia estava sempre presente em suas manifestações de caráter político-cultural. As formas de combate não copiavam o anarco-sindicalismo, mas a violência podia estar presente em suas ações de rua. O movimento era essencialmente urbano e nem tão pacífico. Mas o cômico pode ter esta capacidade de inverter as relações de hierarquia e poder, como nos ensina Bakhtine. Ao retomar, nos anos noventa, o movimento dos *okupas*, os anarco-individualistas, os *punks* e os *squatters*, que se aproximavam dos remanescentes do movimento *hippie*, punham novamente em ação certa carnavalização da ação política. Mas no interior da cultura jovem, os anarco-*punks* afirmavam sua diferença quanto ao movimento *hippie* pelo comprometimento com ideias de caráter político individualista. Mas o surgimento de uma cultura jovem nos anos

sessenta resulta da luta contra a guerra do Vietnam. A origem do movimento dos *squatters* é, portanto, política. Mas a crítica que a eles faziam os anarco-individualistas era a de criarem para si uma utopia à parte, um “jardim fechado” imune à sociedade industrial moderna. Em Turim, apesar das desocupações feitas pela polícia, o governo de centro-esquerda tolerava, até certo ponto, a incômoda vizinhança dos *okupas*, numa sociedade fechada e tradicional. Porém, sede da Fiat, e afeita à luta sindical dos trabalhadores da indústria italiana, de longa tradição de combate. Os anarco-individualistas de Turim jamais abraçaram a causa dos sindicalistas comunistas ou anarquistas. Eles faziam ações frente às prisões a favor dos presos, mas não distinguiam entre os prisioneiros comuns e os políticos. Sua luta era pela liberdade do indivíduo contra o cerceamento da sua livre expressão pela sociedade de massa.

A “*Bella Vita*”, como a chamavam os *okupas* italianos, pregava a gratuidade como prática cotidiana de vida. A sua atividade opunha-se à concepção capitalista da acumulação do dinheiro, à qual contrapunham uma noção antropológica de cultura, da posse contra a propriedade. O ideário anarco-individualista admitia o prazer na vida cotidiana. Soledad busca o prazer na sua convivência com o grupo anarco do Asilo. Mas a eleição dos seus parceiros, na narrativa de Caparrós, parece guiar-se menos pelo prazer sexual que pela atração por tipos que se destacavam por sua singularidade. Como o taciturno Andrea, seu companheiro dos primeiros tempos, cujo recolhimento sobressaía em meio ao alvoroço do Asilo; ou, tempos depois, na Casa de Collegno a radicalidade de Baleno nas reuniões, nas quais se debatiam as questões da comunidade da Casa Ocupada ou da ação externa. Depois da ruptura com Andrea, Soledad aproxima-se cada vez mais de Edoardo, o Baleno, e vai “endurecendo” nas suas posições, de acordo com o testemunho de alguns antigos companheiros do Asilo, recolhido pelo narrador. Ao mesmo tempo em que sua relação com Baleno se estreita, o seu visto de turista vence e é preciso fazer alguma coisa a respeito. Decide-se então pelo casamento, para obter a residência, com um outro companheiro, Luca Bruno, em vez de Baleno, para não misturar interesse matrimonial à relação de amor livre. O casamento, em 26 de fevereiro, é uma farsa e é celebrado como uma comédia frente à autoridade do cartório civil. Os dois casais, Luca Bruno e sua companheira Ita, e Soledad e Baleno, divertem-se com a troca farsesca de casais.

Soledad mudara-se do Asilo, em princípios de outubro, para uma casa desocupada recentemente por um grupo anarco. Neste momento, já se esboçava uma crítica entre os anarquistas de Turim a respeito da ocupação como uma ação consentida e, portanto, de certo modo, desacreditada como forma de luta. Ao decidir permanecer na Itália, a mudança parece ser um novo começo de vida para Soledad. Ela deixa o Asilo para instalar-se na Casa de Collegno com uma amiga. A nova Casa, no entanto, prenuncia uma fatalidade para Soledad. A Casa Ocupada havia sido a morgue do manicômio de Collegno. A

sala dos mortos era uma câmara fria, onde se guardavam os corpos dos mortos. Soledad impunha-se a tarefa de transformar o lugar sinistro numa casa habitável. Apesar dos esforços, a casa não atraía outros ocupantes, tornou-se apenas um lugar de passagem, onde as pessoas não permaneciam. Havia uma atmosfera lúgubre no lugar, apesar das transformações que Soledad e depois Baleno e Silvano empreendiam: biblioteca, sala de concertos, sala de som e vídeo. A casa era muito vigiada pela polícia local, por ser afastada do centro de Turim. Em janeiro e fevereiro tratavam de viver o cotidiano de uma Casa Ocupada, abasteciam-se de graça no Mercado Porta Palazzo, local de reunião de desocupados, *drop outs*, *freaks*, anarcos e punks. Quando Soledad e Edoardo formaram um casal, a vida em comunidade se transformou. O casal seguia uma rigorosa dieta vegetariana e na sua busca de purificação faziam greve de silêncio entre si, para experimentar outras formas de comunicação, além da palavra. Neste meio tempo, Silvano começou a sentir que eram muito vigiados ou, pior, seguidos. Silvano e Edoardo eram mais velhos que Soledad e já tinham uma vida de militância, pela qual já tinham sido presos. Começa para Soledad uma expiação ainda não pressentida pela sua ânsia de liberdade anticonvencional.

Baleno promete a Soledad um presente pelo Dia dos Namorados, estourar um caixa automático. A partir desse momento esta passa a ser uma história policial, afirma o narrador. Estes dias de fevereiro, no carro de Edoardo, os planos mirabolantes faziam-se e se desfaziam, mas não chegavam a concretizar-se, era uma espécie de jogo amoroso entre o casal. Às vezes, Silvano contribuía com a fanfarronice, mas não sabiam que havia uma escuta instalada no Volkswagen de Edoardo. A investigação sobre o Vale de Susa já começara e montava-se uma implicação dos *okupas* de Collegno com as ações dos *Lobos Grises*. A parafernália de escuta e vigilância e o contingente mobilizado eram enormes para os indícios apresentados pelos *okupas* canastrões: os diálogos gravados e a vida cotidiana fora das normas convencionais. Os diálogos em discurso direto parecem ser, nas palavras do narrador, a reprodução da escuta dos arquivos policiais. Até que Edoardo se inspirou, teve a ideia de produzir um explosivo que espalhasse uma tinta vermelha, desde que não fizesse mal a ninguém completou Soledad. A transcrição da gravação continua, com interrupções, até que Soledad parece aplaudir a explosão. Os investigadores imediatamente rumam para a esquina de Cavalli com via Casalis e constataam uma mancha de tinta vermelha na parede do prédio ali situado, mas não efetuam prisão. Quatro noites depois, os três companheiros seguiam discutindo sobre seu artefato a cores. As discussões na Casa de Collegno continuam acaloradas e verborrágicas, apesar da suspeita de escuta. Mas nenhuma ação resulta dessa escuta, apesar da vigilância. O narrador se pergunta sobre a razão de tamanha mobilização policial, diante de tão pouca evidência. Talvez a constituição de provas num processo criminal.

Naquela manhã Soledad foi encaminhada para o parlatório da prisão, onde a esperava Luca Bruno para dar-lhe a notícia da morte de Baleno. A reação de Soledad foi de extremo desamparo e desespero, ela gritava pelo abandono de Edoardo, deixando-a sozinha e não compreendia seu gesto. Depois pediu para ver o corpo e acompanhar o funeral. Deixaram-na ver o corpo, mas foi impedida de acompanhar o funeral. Mas na saída do Instituto de Medicina Legal, escoltada por policiais, fez para a imprensa o gesto obsceno de *fuck you*, que repercutiu no mundo inteiro. Era um gesto de amor e enfrentamento, fê-lo pelo seu homem. A sua história de amor de apenas dois meses era intensa, e a correspondência entre o casal na prisão é o ponto de epifania dessa história de paixão; o ponto alto de onde se descortina toda a narrativa revelando toda sua significação. A correspondência amorosa entre os jovens anarco, enxertada na narrativa dos acontecimentos do Vale de Susa, ressignifica um gênero epistolário tradicional, do ponto de vista da modernidade. A paixão amorosa de Soledad envolve profundamente o comprometimento com a ideia da liberdade, exercida na sua plenitude, na relação entre o par amoroso encarcerado na mesma prisão, privados da liberdade de se verem, trancafiados em solitárias. Soledad passa a ser vigiada dia e noite para impedi-la de repetir o gesto extremo de Edoardo. Neste meio tempo a rádio Blackout convocava os anarco para uma passeata, que reunia anarquistas e comunistas de Turim. Através de toda a Itália houve manifestações. O comunicado da Federação Anarquista italiana dizia: “Edoardo foi vítima de uma das piores prepotências: foi privado da liberdade e preferiu a morte”. Mas pairava no meio anarquista a tese do assassinato na prisão, havia dúvidas quanto ao suicídio de Edoardo. No domingo, 29, Soledad e Silvano iniciaram a greve de fome. A fome era a forma de resistência possível, contra o sistema carcerário e por sua liberdade, ação que punha em risco suas vidas, em homenagem ao companheiro morto. O funeral em Brosso Canavese, povoado natal de Edoardo atraiu uma multidão de manifestantes de toda parte. Os jornalistas presentes foram rechaçados pelos manifestantes, por sua cômica conivência com as autoridades turinenses.

A repercussão da morte de Edoardo preocupava as autoridades. Romano Prodi, Presidente do Conselho, se dizia muito preocupado com os incidentes de Turim. Afinal, diante de um morto, o advogado Zancan, contratado pela família, conseguiu o relaxamento da prisão preventiva de Soledad. Encaminharam-na, em abril, para a comunidade de Sottoiponti, em Benevaggina, criação de Enrico de Simone, um turinense amigo dos anarquistas e soropositivo. A comunidade funcionava com autogestão e abrigava viciados para reabilitação. No momento em que Soledad chegou à casa, havia apenas uma menina em reabilitação. Depois ficou só com de Simone. A notícia da liberação de Soledad correu pelo meio anarco-*punk* e, logo, a casa encheu-se de visitantes, que vinham prestar solidariedade. Soledad tornara-se uma figura pública, as cartas que escrevia e o que dizia nas discussões da casa tinham repercussão no meio

anarquista e *squatter* e fora dele. Soledad lia muito em seu exílio em Sottoiponti e, sobretudo, refletia muito. Tinha muita clareza a respeito do infundado da acusação e dos motivos políticos que a sustentavam. Tratava de não pensar que a morte de Edoardo tinha sido o preço de sua liberação, mas, acima de tudo, não queria martirizar-se como conduta política. A irmã, Gabriela, vem visitá-la, e as duas discutem a respeito da contratação de um advogado, Ugo Pruzzo, para propor sua extradição para a Argentina. Mas Soledad opõe-se a abandonar seus companheiros e mantém correspondência com Silvano, que procura animá-la. A vida na casa de campo é solitária e Soledad muitas vezes deprime-se com a ausência dos amigos. Porém a peregrinação a Sottoiponti torna-se mais frequente e mais numerosa, até estrangeiros vêm procurá-la. Muitas vezes ela pensou em fugir, mas a casa era vigiada, a fuga teria de ser bem planejada. Então ela procura buscar prazer na vida do campo, cuidar da horta e da criação. A irmã volta para Buenos Aires. Em fins de junho, Silvano mostra-se preocupado com seu isolamento e abatimento. O advogado Novaro percebe seu alheamento e pensa em voltar para conversar com ela sobre sua condição, mas não imaginava que a situação fosse tão dramática para ela, que sofria a perda de Edoardo. Assim, num dia de visita animado ela se retira para seu quarto e escreve em seu caderno, a Agenda Negra, que de Simone lhe havia presenteado na tentativa de recompor sua relação com Soledad. Em 10 de julho, uma sexta-feira, militantes anti-TAV vão visitar a ela e a outros amigos do Asilo. Foi uma visita animada, conversaram e ouviram música. Depois das duas da madrugada, ela declarou que estava muito cansada e que ia deitar-se. Os amigos ficaram embaixo conversando. Ibrahim foi ao banheiro e encontrou a porta aberta. Bateu na porta e esperou que alguém abrisse. Então viu uma sombra que não se movia. Encontrou o corpo de Soledad enforcado nos lençóis. Ela estava de joelhos e deve ter se esforçado para conseguir seu intento, sua morte foi lenta e deliberada. Ela deixou uma nota dizendo que esperou um momento em que estava bem com seus amigos para ir-se, de acordo com o depoimento de Ibrahim. Dizia ainda que não suportava a ausência de Baleno. Os amigos esconderam a carta, para que a polícia não a descobrisse e fizesse uso político dela.

Em Turim ao meio-dia, a rádio Blackout comunicou a morte de Soledad. Os companheiros chegaram a Sottoiponti para a despedida. Luca Bruno pode vê-la. A notícia repercutiu em Turim com um banho de medo, as autoridades temeram a reação dos *okupas*. O mercado de Balon, lugar de reunião dos *okupas*, *punks*, *squatters* e desocupados de todos os tipos, estava cheio e planejava-se uma reação: houve correrias, vidraças quebradas e uma barricada na Piazza Castello. No dia seguinte, os jornais publicavam as refregas dos anarcos com a polícia e noticiavam a morte da “pequena Passionara”. Estava criado o mito, que repercutiu na Argentina dos anos noventa, com componente unânime: Soledad fez-se anarquista por amor. A respeito da morte de Soledad também pairaram dúvidas sobre um possível assassinato. Mas a família acabou por acei-

tar a ideia do suicídio. A morte de Soledad deve ser tratada como um fato privado, mas o conteúdo político de seu suicídio não pode ser descartado. Para um individualista, a privação da liberdade é um fardo insuportável, do qual a morte pode ser uma libertação. A vida urgente de Soledad Rosas não podia esperar o tempo da burocracia do Estado, o resultado do julgamento, cujo desfecho não parecia favorável, e os anos de confinamento numa prisão. A paixão amorosa não podia sofrer a perda do companheiro amado. Ao morrer, Soledad tinha vinte e três anos, sua vida foi breve e intensa. A paixão política ensinou-a a compreender em profundidade o sentido da palavra liberdade. Foi cremada no Cemitério Monumental de Turim, escoltada pela polícia e cercada pelos companheiros. As cinzas foram espalhadas no sítio da família, em Villa Rosa, nas cercanias de Buenos Aires. No epílogo do livro, o narrador recolhe os depoimentos dos personagens desta história sobre o significado da morte de Soledad para o movimento anarco. As opiniões divergem, mas permanece o *pathos* da tragédia individual de Soledad e a memória de sua breve passagem pelo movimento anarco italiano, embora os companheiros não cultivassem a sua imortalização como adolescente, sua morte como martírio. Os depoimentos dos companheiros e da família sobre o suicídio de Soledad e sobre a carta-testamento são contraditórios e produzem na narrativa a caracterização de uma personalidade controvertida, para a qual o narrador não faz questão de dar uma explicação coerente. O livro deixa as questões em suspenso constituindo uma obra aberta à interpretação dos leitores.

Referências bibliográficas

CAPARRÓS, Martín. *Amor y Anarquía: La vida urgente de Soledad Rosas- 1974-1998*. Buenos Aires: Planeta, 2003.